



**ARQUITETURA MODERNA EM SALVADOR: a contribuição do
“Sindicato de Engenheiros da Bahia”, 1940-1959**

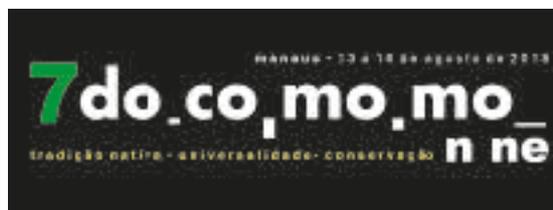
**ARQUITECTURA MODERNA EN SALVADOR: la contribución del
“Sindicato de Engenheiros da Bahia”, 1940-1959**

**MODERN ARCHITECTURE IN SALVADOR: the contribution of the
“Sindicato de Engenheiros da Bahia”, 1940-1959**

**JOSÉ CARLOS HUAPAYA ESPINOZA (1); THISCIANNE MORAES PESSOA
(2)**

1. Doutor em Arquitetura e Urbanismo (2012), PPGAU/UFBA.
Endereço Postal: Rua Caetano Moura, 121, Federação, Salvador, Bahia
E-mail: joseespinoza@ufba.br
orcid.org/0000-0001-6776-8821

2. Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/UFBA.
Endereço Postal: Rua 2ª Travessa Pedro Gama, 316, Apartamento 201, Federação,
Salvador, Bahia.
E-mail: thisciannempessoa@gmail.com



RESUMO

O presente artigo insere-se no eixo “Trajetórias Modernas e Documentação” e aborda um tema praticamente desconhecido na historiografia da arquitetura moderna baiana: a contribuição dos engenheiros baianos na consolidação do movimento moderno em Salvador. Para tal, tomamos como objeto de estudo a atuação do Sindicato dos Engenheiros da Bahia criado em 1937 e, mais especificamente, o conteúdo de seu órgão oficial, a revista Técnica. A análise dos 38 números publicados entre 1940 e 1959 revelam-nos dois aspectos interessantes. O primeiro relaciona-se com a divulgação da produção arquitetônica dos engenheiros a qual mostra-nos, como aconteceu também com os arquitetos desse período, o “trânsito” e “dilemas” surgidos a partir da afirmação da arquitetura racional. Quer dizer, apesar de que os editores asseguravam que esta revista havia surgido como resultado dos desafios e reação da engenharia na Bahia, percebe que ela apresenta um viés mais “heterogêneo” e por vezes conservador. Já o outro aspecto da revista refere-se ao espaço dado a projetos de arquitetos; embora mais limitado, este nos permite identificar uma produção diferente, alternativa e complementar daquela divulgada em revistas comerciais ou mesmo de livros referenciais.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna; Salvador; Sindicato dos Engenheiros da Bahia; revista Técnica.

RESUMEN

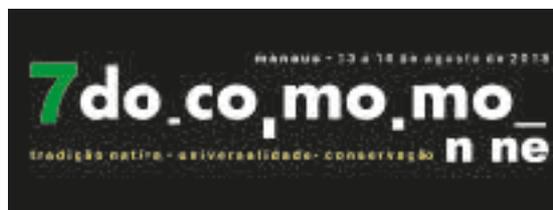
El presente artículo se relaciona al eje “Trayectorias Modernas y Documentación” y discute un tema prácticamente desconocido en la historiografía de la arquitectura moderna bahiana: la contribución de los ingenieros bahianos en la consolidación del movimiento moderno en Salvador. Para tal, tomamos como objeto de investigación la actuación del Sindicato dos Engenheiros da Bahia creado en 1937 y, más específicamente, el contenido de su órgano oficial, la revista Técnica. El análisis de los 38 números publicados entre 1940 e 1959 nos muestra dos aspectos interesantes. El primero se relaciona con la divulgación de la producción arquitectónica de los ingenieros la cual evidencia, como sucedía también con los arquitectos de ese período, el “tránsito” y “dilemas” surgidos a partir del establecimiento de la arquitectura racional. Es decir, a pesar de que los editores aseguraban que esta revista había surgido como resultado de los desafíos y reacción de la ingeniería en Bahía, se observa que ella presenta una línea más “heterogénea” e conservador. El otro aspecto de la revista se vincula al espacio dado a proyectos de arquitectos; aunque más limitado, este nos permite identificar una producción diferente, alternativa y complementar a la divulgada en revistas comerciales o inclusive de libros referenciales.

Palabras clave: Arquitectura Moderna; Salvador; Sindicato dos Engenheiros da Bahia; revista Técnica.

ABSTRACT

This article is part of the "Modern Paths and Documentation" and deals with a theme almost unknown in the historiography of modern Bahia architecture: the contribution of Bahia engineers in consolidating the modern movement in Salvador. Following this line, we take as object of study the work of the Engineers' Union of Bahia created in 1937 and, more specifically, the content of its official body, the Technical magazine. The analysis of the 38 numbers published between 1940 and 1959 reveals two interesting aspects. The first relates to the dissemination of the architectural production of the engineers, which shows us, as did the architects of this period, the "traffic" and "dilemmas" arising from the rational architecture. Then, although the editors claimed that this magazine had emerged as a result of the challenges and engineering reaction in Bahia, it perceives that it has a more "heterogeneous" and sometimes conservative bias. Already the other aspect of the magazine refers to the space given to architects' projects; although more limited, allows us to identify a different production, alternative and complementary to that disclosed in commercial magazines or even reference books.

Keywords: Modern Architecture; Salvador; Sindicato dos Engenheiros da Bahia; Técnica magazine.



Introdução

O presente artigo aborda um tema praticamente desconhecido na historiografia da arquitetura moderna baiana: a contribuição dos engenheiros baianos na consolidação do movimento moderno em Salvador. Para tal, tomamos como objeto de estudo a atuação do Sindicato dos Engenheiros da Bahia criado em 1937 e, mais especificamente, o conteúdo de seu órgão oficial, a revista *Técnica*.

Publicada entre 1940 e 1959¹, é possível identificar dois períodos mais ou menos claros a partir de seu perfil editorial. Um que vai de 1940 até 1954 (31 números) onde ganha o subtítulo, a partir do número 3, de “Revista de Engenharia e Arquitetura” e; outro que vai de 1955 até 1959 (7 números) quando se vinculou à Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia (Figura 1). Nesse último período percebe-se que a revista diminui drasticamente os artigos sobre a temática aqui abordada²; por essa razão, esta pesquisa centra-se no levantamento e análise de informações obtidas no primeiro período uma vez que se caracteriza como o mais rico em relação a temas sobre construção, arquitetura e urbanismo.

A revista teve, no primeiro período, como diretor comercial Ernani A. Caricchio, como diretores técnicos Miguel Calmon du Pin Sobrinho, Leonardo Mario Caricchio e como Relatores os engenheiros Jorge Olivieri de Souza e Silva, Accioly Vieira de Andrade, Solon Guimarães e João Duarte Guimarães³. É interessante notar a partir destas informações que a divulgação dos projetos em *Técnica* envolvia não só a produção dos profissionais liberais, mas, também, a dos professores da Escola Politécnica ou mesmo,

¹ A revista não foi publicada regularmente. Por exemplo, em 1940 apareceram dois números, em 1941 4 números, em 1942 3 números, em 1944 3 números, em 1945 1 número, em 1946 2 números, em 1947 4 números, em 1948 2 números e, em 1949 1 número. Nesta pesquisa não foi possível ter acesso aos números 28, 29, 30, 32, 33 e 35.

² De fato, são mais constantes artigos sobre educação, medicina, indústria, desenvolvimento e economia.

³ Araújo (2004, p. 250) afirma que Helio Duarte foi redator para os temas de arquitetura e Walter Gordilho para os de urbanismo.



a dos técnicos da Prefeitura e Governo do Estado. Isto explica, em grande parte, a diversidade e escala de projetos arquitetônicos apresentados⁴. Ainda, vale a pena mencionar que a mudança do título da revista pode ser entendida, de um lado, pelo momento significativo que passava a Bahia e, pelo outro, pelo trabalho em parceria entre engenheiros e arquitetos, que se fez, a partir da análise dos artigos, mais evidente nesse período.

A década de 1940, em Salvador, pode ser entendida como resultado de uma série de fatos que foram decisivos para a cidade. Dentre eles, podemos mencionar a Semana de urbanismo de 1935, que discutiu de forma antecipada os rumos e necessidade de modernização da cidade baiana; a criação e atuação do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador – EPUCS, entre 1942 e 1947 e; a influência da Escola Carioca através de arquitetos vindos do Rio de Janeiro ou de profissionais formados na Bahia com aproximação a estes⁵.

Os 27 artigos analisados⁶, nos permitiram identificar três eixos importantes: um voltado para a divulgação de projetos arquitetônicos no qual é possível identificar não só a diversidade tipológica (formal e estética); outro direcionado à discussão teórica sobre questões ligadas a arquitetura e; finalmente, um terceiro eixo se volta para a discussão da modernização da capital baiana e para a aplicação e crítica da disciplina de Urbanismo.



⁴ Neste artigo, optamos, em vista do eno daqueles voltados para questões teóricas, e

⁵ Ao respeito ver: SEMANA DE URBANISMO

⁶ Todos eles estão listados nas referências.

na análise e discussão (e) e urbanísticos.

Fernandes (2014).



Figura 1 – Capas da revista Técnica, n. 1 (1940) e n. 40 (1959).

Arquitetura Moderna Baiana: a prática

A divulgação dos projetos de grande porte em *Técnica* nos revela, no mínimo, quatro características importantes. A mais representativa, sem dúvida, é a ênfase que se deu ao processo de modernização da capital baiana e à discussão entre o “moderno” e o “atrasado”. Mesmo num período de “crise” (como veremos mais adiante), o que os editores da revista tentaram mostrar, com os projetos que apareceram nas páginas da revista, é que Salvador, aos poucos, estava “perdendo a sua característica colonial”, que o “antigo” estava cedendo espaço ao “moderno” e que “já pouco resta[va] de pitoresco” (EDIFÍCIO MARGARIDA, 1947).

Esse processo de transformação de Salvador ficava evidente, também, ao serem apresentados, em vários casos, os projetos como sendo as *primeiras* experiências no contexto baiano. Por outro lado, a construção desse discurso esteve, quase sempre, vinculada ou refletida, como contraponto, ao que vinha acontecendo em São Paulo e/ou Rio de Janeiro. Quer dizer, tenta-se mostrar que aquilo que estava acontecendo na Bahia (no campo da arquitetura e da construção) estava em sintonia com as experiências desenvolvidas nessas capitais ou mesmo que estavam além delas. Exemplos disso foram



os artigos “Primeiro prédio de apartamentos em Condomínio na Bahia” (1940), “Escola de Puericultura Raymundo Pereira de Magalhães” (1940) e “Edifício Chadler” (1941).

Esses três artigos apresentam um ponto em comum, a discussão em relação à “nova arquitetura” e a sua aplicação. De fato, a descrição desses projetos esteve aliada ao discurso modernista. No primeiro artigo afirma-se que o problema principal nesse tipo de projeto:

Consiste na *Circulação*, palavra esta, já de domínio público e que expressa em si, quase todo um sistema de urbanismo e constitui a solução de quase todos os problemas de arquitetura em sua fase de planta baixa. Circular é viver [...] (PRIMEIRO PRÉDIO DE, 1940, s.p.).

Projetado por Helio Duarte, trata-se de um edifício de cinco pavimentos; o térreo foi voltado para comércio e os outros quatro andares foram destinados a moradia (Figura 2). O volume é regular e sem ornamentação e é marcado pelos pilotis no térreo, a “plástica” é “simples refletindo o interior” (PRIMEIRO PRÉDIO DE, 1940, s.p.).

No segundo artigo afirma-se que esse tipo de projeto foi o primeiro do “gênero construído no Brasil” (ESCOLA DE PUERICULTURA, 1940, s.p.), e foi doado à Liga Contra a Mortalidade Infantil⁷. No edifício tudo “é simples mas correto, a função não cria embaraços, antes, resolve situações”. A planta se desenvolveu a partir de um pátio central no qual se localizou a circulação vertical integrando, assim, todos os espaços. Da mesma forma que no projeto anteriormente mencionado, a volumetria também é simples, e tanto o exterior quanto o interior não apresentam ornamentação. Chama-se a atenção para o uso do aço nos corrimãos, usado de forma racional.

⁷ Ainda existente, localiza-se no início do Corredor da Vitória e hoje encontra-se completamente descaracterizado.

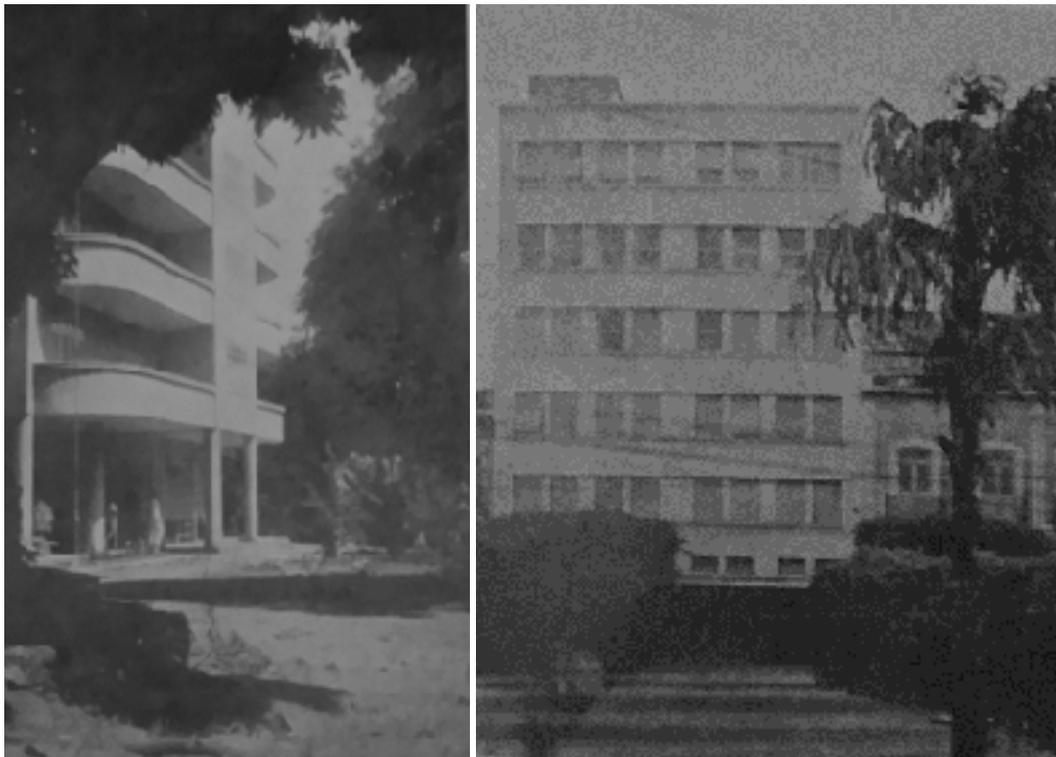


Figura 2 – Edifício de apartamentos em Condomínio na Bahia e Figura 3 – Edifício Chadler.
Fonte: PRIMEIRO PRÉDIO DE, 1940 e EDIFÍCIO CHADLER, 1941.

Já o terceiro artigo se inicia com a seguinte asseveração: “Este é o primeiro edifício construído na Bahia em que se procurou dentro de uma plástica simples atender a determinada intensão arquitetural” (EDIFÍCIO CHADLER, 1941, s.p.). Também projetado por Helio Duarte, apresenta uma característica interessante, sua multifuncionalidade. No térreo funcionaria uma loja da empresa Chindler & Adler; do primeiro ao quarto pavimento o uso seria destinado a escritórios e; no quinto pavimento projetaram-se três apartamentos⁸ (Figura 3). A importância da circulação foi também enfatizada na descrição do projeto:

Também pela primeira vez na Bahia se consegue trazer à circulação interna do edifício com dimensões boas evitando os corredores compridos, estreitos e mal ventilados, sem detrimento das peças destinadas a escritórios (EDIFÍCIO CHADLER, 1941, s.p.).

⁸ O edifício localiza-se na Avenida Sete, em frente ao relógio de São Pedro.

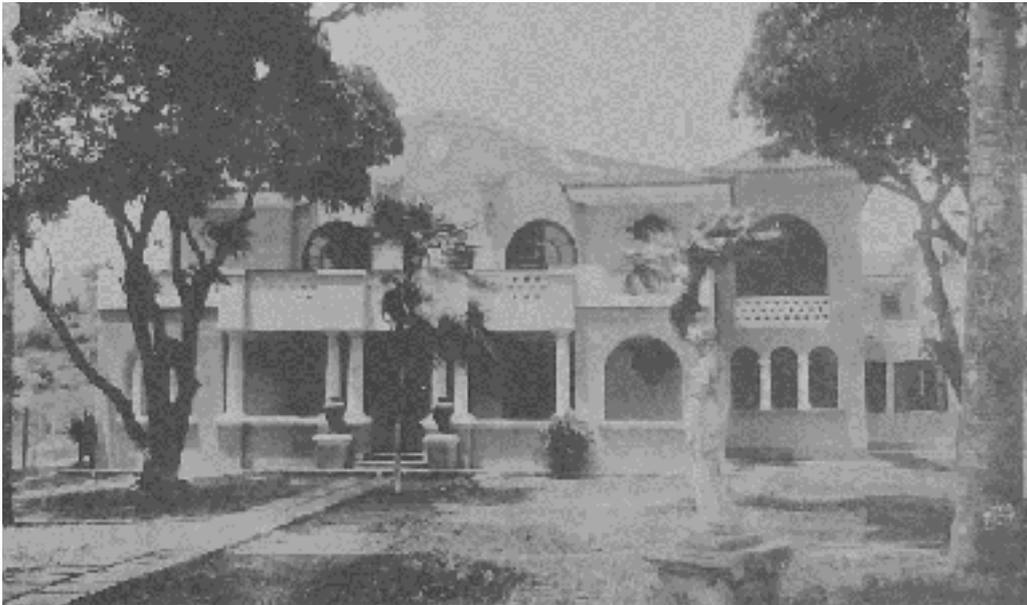


Figura 4 – Nova Sede da Associação Atlética da Bahia. Na legenda original da fotografia afirma-se que a fachada principal é “pinturesca e agradável”.
Fonte: A NOVA SEDE, 1941.

A segunda característica diz respeito a que embora fique evidente que ao longo dos anos os projetos com influência modernista começassem a ganhar destaque, projetos de características neoclássicas/neocoloniais continuavam ainda aparecendo. Em muitos dos casos, estes estavam vinculados a edificações voltadas para a elite baiana como, por exemplo, a Nova Sede da Associação Atlética da Bahia, projetada pelo arquiteto Diógenes Rebouças (Figura 4) e; a Nova Sede do Club Carnavalesco Fantoques da Euterpe projetado pelo engenheiro Quintino Steimback.

Uma terceira característica está relacionada com a importância que se deu ao poder público como um dos promotores chave para a construção na Bahia, tanto nos âmbitos municipais, mas, principalmente, no Estadual. Basicamente, tratam-se de equipamentos urbanos de saúde, comércio, educação e governamental. Dentre eles, podemos destacar o Hospital Sanatório Santa Terezinha e a Maternidade da Fundação Santa Izabel; o Mercado 1º de Maio; a Escola Politécnica da Universidade da Bahia e; o Arquivo Público do Estado.

O Hospital Santa Terezinha, bastante referenciado e conhecido, foi projetado pela Secretaria de Viação e Obras públicas do Estado e havia sido elaborado “afim de que a Bahia ficasse possuidora de uma casa de saúde em nada inferior às melhores do País” (HOSPITAL SANATÓRIO, 1941, s.p.). A Maternidade Santa Izabel, elaborada para a cidade de Ilhéus, foi projetada pelo engenheiro e professor da Escola Politécnica, Leonardo Mario Caricchio (Figura 5). A volumetria do edifício é simples e se desenvolve a partir de uma circulação central que permite a iluminação e ventilação dos diversos ambientes. A fachada “foi projetada simples, em estilo moderno e tendo como partido o equilíbrio entre os vãos de janelas e a superfície da parede” (MATERNIDADE, 1943, s.p.).

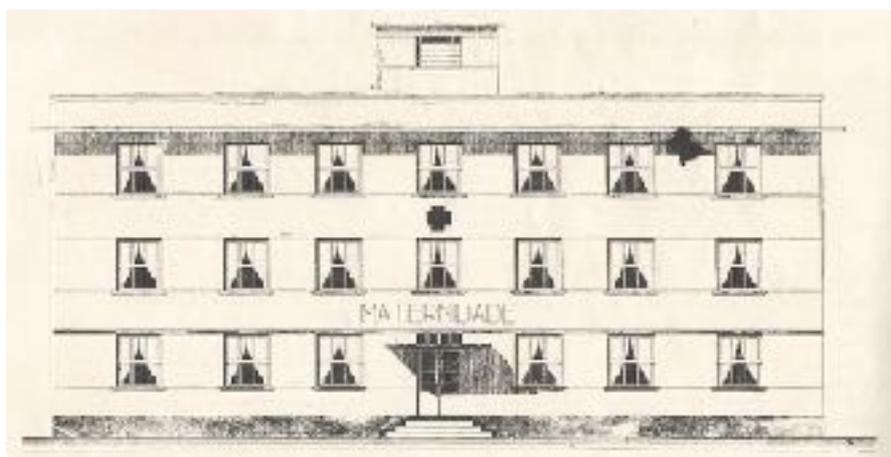


Figura 5 – Projeto para a Maternidade da Fundação Santa Izabel, em Ilhéus.
Fonte: MATERNIDADE, 1943.

O Mercado 1º de Maio, localizado no bairro de Sete Portas, foi projetado pelo Eng. Luiz de Sá Adami (Figura 6) e foi encomenda da Prefeitura de Salvador em parceria com o capital privado. O contexto no qual se propõe essa edificação estava marcado pela presença das feiras livres, as quais eram consideradas como “um perigo para a alimentação pública” (UM GRANDE, 1941, s.p.). O edifício, que apresentava na sua fachada forte influência art déco, havia sido projetado com a finalidade de atender:

A todos os requisitos de higiene, constituindo uma construção modelar, pela inteligente adaptação do edifício às necessidades locais [...] Com sua inauguração lucrou a Bahia enormemente, ficando a dever realizações como esta ao tino administrativo de seu Prefeito Dr.



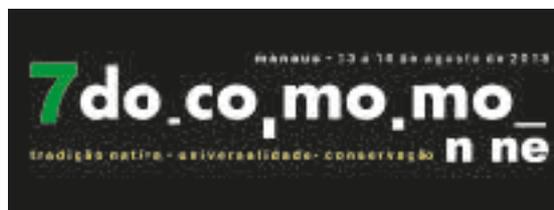
Neves da Rocha e a iniciativa arrojada de homens de negócios como os Drs. Armando Góes de Araújo, Pinto de Aguiar e Plínio Coutinho, diretores da Cia. de Mercados Públicos da Bahia S. A., e também, os dois primeiros, diretores do Banco de Administração (UM GRANDE, 1941, s.p.).

O projeto para a Escola Politécnica da Universidade da Bahia, elaborado, também, pelo engenheiro Leonardo Mário Caricchio estava relacionado à concepção da nova cidade universitária proposta para a cidade através das gestões do Governador do Estado, Otavio Mangabeira e do Reitor Edgar Santos. Sua localização, na Chácara Boa Vista, no bairro de Brotas, havia sido indicada pelo Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador – EPUCS (Figura 7). O edifício apresenta evidente influência modernista na concepção das plantas e fachadas:

Adotamos uma composição muito serena, simétrica, onde os materiais empregados, as sombras próprias e projetados e a distribuição dos vazios constituem o caráter principal [...] No pavilhão central as grandes linhas horizontais, resultantes dos quebra-sóis formando as faixas claro-escuras, a colunata imponente no pórtico a compreensão dos volumes e a platibanda reta e o plano dão uma impressão de perfeita serenidade, imponência e equilíbrio que a finalidade do conjunto requer [...] Procuramos a arquitetura da nossa época – afastando-nos de qualquer mascaramento néo-clássico ou semelhante (ESCOLA POLITECNICA, 1948).



Figura 6 – Fachada principal do Mercado 1º de Maio.



Fonte: UM GRANDE, 1941.

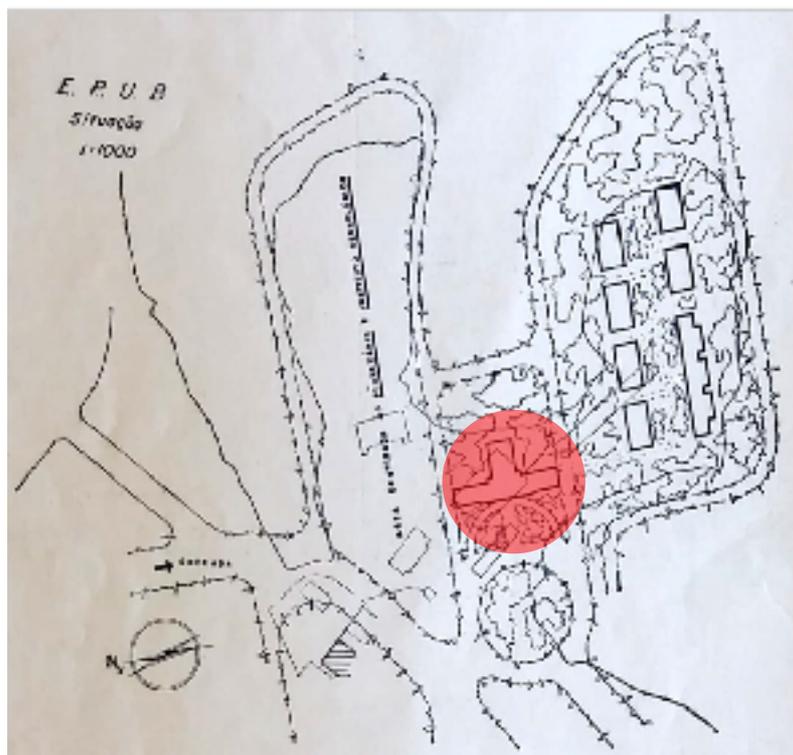


Figura 7 – Cidade Universitária da Universidade da Bahia. Em vermelho a localização da Escola Politécnica.

Fonte: ESCOLA POLITÉCNICA, 1948.

Já o Arquivo Público do Estado, também foi resultado da atuação do Governo do Estado na construção de edifícios de grande porte. Projetado pela Diretoria de Obras Públicas a construção esteve a cargo do engenheiro João Chrysóstomo Peixoto, “cujo critério, honestidade e gosto artístico são sobejamente conhecidos” (ARQUIVO PÚBLICO, 1942, s.p.). A volumetria regular foi desenvolvida propondo uma fachada curva que se integra ao formato do terreno em esquina.

Finalmente, a terceira característica tem a ver com os desafios apresentados no período de “crise” pelo qual passava o mundo e suas repercussões no Brasil. Praticamente todo o período analisado corresponde à situação da Segunda Guerra Mundial. No país as implicações, no campo da construção, se haviam evidenciado na escassez de materiais



ou no encarecimento dos mesmos. Nesse cenário, o que se percebe é que os artigos com projetos elaborados/viabilizados pelo Poder Público diminuem dando espaço a projetos de capital privado, em especial, edifícios comerciais e residenciais.

Alguns exemplos que podem ser mencionados são: o Edifício Sede da "Sul América Capitalização S. A." (SULACAP), projetado pelo engenheiro Roberto Capello, no qual se chamava a atenção para "sua massa e distinção de suas linhas arquitetônicas" (AS GRANDES CONSTRUÇÕES, 1942, s.p.); o Edifício Santa Cruz, projetado pelo Escritório Técnico Ruy Moreira Reis; o Edifício Judith do engenheiro João Chrysóstomo Peixoto (Figura 8); o projeto para o Edifício Caravelas do engenheiro Humberto Lemos Lopes; o projeto para um edifício comercial de Antonio Ramos e; o Edifício Margarida elaborado pelo engenheiro João Augusto Calmon e Lev Smartcevsy sob direção do Serviço de Patrimônio Histórico⁹ (Figura 9). Em todos esses projetos percebe-se a influência modernista, no entanto, o último apresenta uma particularidade. O projeto levou em consideração parte do antigo casarão jesuíta, por essa razão, na fachada foi conservada a antiga porta de entrada.

⁹ Os edifícios Santa Cruz e Judith apareceram na edição n. 10 de out./nov. 1942; o Edifício Caravelas foi publicado na edição n. 20 de fev./mar. 1947; o Edifício comercial apareceu na edição n.22 de set. 1947 e; o Edifício Margarida foi publicado na edição n. 23 de out. 1947.



Figura 8 – Edifício Santa Cruz, localizado na Rua do Tesouro e Figura 9 – Edifício Margarida, localizado na Rua Carlos Gomes.

Fonte: EDIFÍCIO SANTA CRUZ, 1942 e EDIFÍCIO MARGARIDA, 1947.

Arquitetura Moderna Baiana: a crítica

Como já mencionado, a *Técnica* emerge em um momento de grandes transformações no contexto urbano baiano, destacando-se Salvador nesse processo de busca pela modernização. Tal fato fica claro não só a partir da análise dos projetos divulgados, mas, também, nas inquietações que permeiam os mesmos. Dessa forma, destacamos sete artigos em que são evidenciadas questões de cunho teórico e crítico sobre os novos rumos da arquitetura, no que diz respeito ao ensino e a prática profissional.

Quanto ao ensino da arquitetura, analisamos três artigos, que estabelecem uma relação entre o papel da escola e a prática profissional dos arquitetos. Dois deles compõem uma série de artigos intitulada “Arquitetura na Bahia”, publicados no terceiro e no quarto número da revista, em 1941. O primeiro artigo possui o seguinte subtítulo “A escola,



sua evolução e sua situação atual” e inicia destacando que a revista não poderia se abster dessa discussão, pois compreende a importância do profissional de arquitetura para a sociedade. O texto é construído a partir do posicionamento de Helio Duarte sobre o momento vivenciado pela arquitetura naquele período. Para ele:

Parece, pois, que entramos numa era de grandes construções, construções que interessarão sobretudo a vida da coletividade, e as nossas obras-primas devem ser: cidades-jardins, as gares, as escolas, as salas de reuniões e de espetáculos, os quarteirões inteiros, enfim todos os monumentos úteis à vida material, espiritual e a distada coletividade (ARQUITETURA NA BAHIA, 1941a, s.p.).

A partir da fala de Helio Duarte sobre a era de grandes construções vivenciadas naquele período, o artigo ressalta que, a sociedade, de forma geral, tem vivenciado um processo de formação, mesmo que lento, em busca da criação e da perfeição. Nesse contexto, ele chamava a atenção para a importância da Escola de Belas Artes, como sendo a instituição que proporcionaria o aprimoramento dos profissionais de arquitetura. Isto posto, se estabelece uma crítica quanto à ação da Escola até aquele momento, destacando-se que a mesma em 63 anos de existência formou apenas 30 arquitetos. Assim, evidenciavam-se duas questões relevantes: essa realidade poderia ser resultado de uma apatia da juventude ou da própria administração da Escola (ARQUITETURA NA BAHIA, 1941a, s.p.).

O segundo artigo da série “Arquitetura na Bahia”, possui o seguinte subtítulo “A escola, seu patrimônio e suas necessidades atuais”. Nele se estabelece uma crítica à atual administração da Escola de Belas Artes da Bahia, enfatizando todas as ações que foram feitas no passado para sua criação e consolidação. A publicação deixa claro o potencial financeiro da Escola, em seu patrimônio arquitetônico e artístico, e sua importância para a sociedade baiana. O artigo se apresenta como um apelo para uma mudança de ação da administração pública, apelando a valorização e o papel da Escola enquanto formadora e perpetuadora da arte baiana (ARQUITETURA NA BAHIA, 1941b, s.p.).



O terceiro artigo analisado que estabelece uma relação direta com o ensino de arquitetura, foi publicado no trigésimo primeiro número da revista, em 1949, e foi intitulado “O Terceiro Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia e Arquitetura”. Este se apresenta como um fechamento da discussão sobre o ensino de arquitetura que ocorreu durante a década de 1940. O mesmo apresenta uma compilação dos principais pontos que foram discutidos no congresso e a metodologia aplicada para nortear o debate das questões abordadas. Dentre as diversas temáticas trabalhadas destaca-se a seguinte, “A Universidade e o ensino de Engenharia e Arquitetura: sua estruturação”, como resultado dela temos:

- a) os engenheiros e os arquitetos devem ser objetos de formação em cursos autônomos, uns em relação aos outros; melhor ainda, em escolas autônomas. Em decorrência urge que desapareça o título de Engenheiro Arquiteto.
- b) o currículo das Escolas de Arquitetura tem de atender à formação de verdadeiros Arquitetos, isto é, profissionais a um só tempo, artistas e técnicos. Para esse efeito todas as cadeiras devem ser distribuídas e orientadas de modo que todo o ensino convirja para a cadeira-troco, que é a de Composição Arquitetônica (O TERCEIRO CONGRESSO, 1949, s.p.).

Quanto à percepção dos engenheiros baianos sobre o que é a arquitetura selecionamos a série de artigos intitulados “Arquitetura”, composta por dois artigos, publicados no décimo quinto e no décimo sexto número da revista, em 1944. Essa série de artigos surge por influência do contexto da Segunda Guerra Mundial. O professor catedrático da Escola Politécnica da Bahia, Leonardo Mario Caricchio, elabora os dois artigos com o objetivo de estes constituírem um curso de arquitetura para alunos de engenharia, diante da dificuldade de adquirir livros e frequentar as aulas naquele período. Quatro pontos marcantes foram ressaltados das colocações apresentadas por Caricchio no curso que possibilitam compreender a percepção que o mesmo tinha sobre arquitetura e as formas de ensino dela para os futuros engenheiros.

O primeiro ponto diz respeito ao conceito de arquitetura, segundo Caricchio (1944a), “é a arte de construir com solidez, adaptação, conveniência e beleza”. O autor explica que,



a solidez se refere à característica básica da construção; a adaptação se refere ao fato do projeto estar de acordo ao fim que se destina; a convivência se refere ao uso dos materiais locais; e a beleza ao fato de que a obra deve agradar a todos. É interessante destacarmos que, Caricchio (1944a) utiliza como exemplo para materializar o conceito que defende de arquitetura o edifício do Arquivo Público, já mencionado na seção anterior.

O segundo ponto é a crítica que Caricchio (1944b) faz à “arquitetura nos tempos modernos”, que vem perdendo “seu caráter monumental e simbólico, torna-se cada vez mais utilitária”. Para o autor a arquitetura tem sua base no desenho, apresentando-se na história como elemento simbólico e materializando a técnica da construção por meio dos monumentos que perduraram com o tempo, sendo eles que permitem o conhecimento sobre as civilizações antigas.

O terceiro ponto são os cinco elementos que, de acordo com Caricchio (1944b) influenciam a arquitetura. Os elementos geológicos, geográficos, mesológicos, etnológicos e políticos. O geológico se refere ao fato de a construção estar condicionada aos materiais locais disponíveis. O geográfico se refere aos condicionantes climáticos que influenciam escolhas projetuais. O mesológico diz respeito ao fato de a construção ser uma “função do meio em que se encontra, do gosto de quem a faz e das necessidades daqueles que a habitam”. O etnológico é a influência das necessidades fundamentais humanas sobre a edificação. E a política se refere ao fato de a “arquitetura acompanhar a marcha da riqueza e da administração do país”.

O quarto e último ponto evidenciado do curso são as fases da construção arquitetônica. Segundo Caricchio (1944b), a primeira fase é a composição, que acontece no âmbito do arquiteto, o que o mesmo idealiza; a segunda fase são os “estudos e a distribuição das proporções”, nessa fase o arquiteto busca dispor as partes segundo ao que foi por ele idealizado; a terceira fase é a organização do projeto, momento em que já se faz o



controle da concepção através de princípios científicos, com desenhos do projeto definitivo e detalhes; e a quarta fase é a execução, em que “se concretiza o que foi imaginado”.

Quanto aos caminhos que a arquitetura viria a tomar com todas as mudanças e inquietações que surgem nesse período, analisamos dois artigos, ambos apresentando um olhar estrangeiro para responder a essa questão. O primeiro artigo analisado, intitulado “Novos rumos da arquitetura contemporânea”, publicado no décimo terceiro/décimo quarto número da revista, em 1944, foi escrito por I. B. Stock e traduzido por Helio Duarte. Duarte inicia a tradução com uma nota apresentando I. B. Stock como um dos grandes expoentes da nova geração de arquitetos argentinos, e ressalta que mesmo Stock apresentando a realidade argentina as colocações por ele feitas podem ser incorporadas à realidade brasileira.

Stock (1944) inicia seu artigo afirmando que aquele período era um momento de confusão e desorientação e tal fato levava, por vezes, os arquitetos a construírem compreensões erradas sobre a “arquitetura contemporânea”. O arquiteto argentino defende que a arquitetura deve ser o espelho da cultura em que ela foi concebida, dotada de sensibilidade. Dessa forma, a verdadeira arquitetura racional seria alcançada “ao contemplar as necessidades biológicas do indivíduo e sua vinculação com o meio ambiente” (STOCK, 1944, s.p).

Outra questão apresentada por Stock (1944) é quanto à expressão plástica. O arquiteto explica que a adoção de elementos da arquitetura industrial nos projetos habitacionais, era um erro que estava sendo cometido, justificado pela busca em agregar valor estético à habitação. Mas, Stock (1944) ressalta que “o problema da habitação requer solução sobre um plano biológico”. Nesse sentido ele afirma que, no caso de produções arquitetônicas industriais e/ou de administração pública, as semelhanças mesmo que em locais absolutamente diferentes é justificável diante do funcionalismo que permeiam



esses projetos. Stock (1944) finaliza destacando a importância da integração entre arquitetura e urbanismo ao afirmar que:

Arquitetura e Urbanismo, unem-se hoje, como os livros “diário” e “razão” de uma mesma contabilidade. Sua evolução se realiza sobre um elevado plano social, como indispensáveis integrantes da vida coletiva. A arquitetura cria obras de arte e é a conselheira estética, e em harmonia com o urbanismo, traça as estradas de um novo e formoso modo de viver (STOCK, 1944, s.p.).

O segundo artigo analisado, sobre os caminhos da arquitetura, foi publicado no décimo nono número da revista, em 1946, intitulado “Tende a arquitetura moderna para o desenho funcional?”. O artigo foi elaborado por correspondente da revista em Washington D. C., e apresenta a forma como os arquitetos norte-americanos têm lidado com a produção arquitetônica no pós-guerra, destacando a obra de Frank Lloyd Wright como fonte de inspiração. As duas principais questões trabalhadas no mesmo é o desenho de protótipos e de busca por referências nas obras de grandes escritórios. A experiência norte-americana com a padronização remete ao início do século XX e naquele contexto não foi bem aceita pelos profissionais. Mas no contexto vivenciado nos anos de 1946, em que apenas os grandes escritórios possuíam condições de realizar pesquisa para elaboração de grandes projetos e propor grandes inovações tecnológicas, o artigo defende que pontos norteadores dessas grandes construções sejam absorvidos em projetos funcionais (TENDE A ARQUITETURA, 1946, s.p.).

A Construção da Salvador Moderna

A *Técnica* apresenta diversos artigos que abordam o processo de modernização da cidade de Salvador, por meio das intervenções na infraestrutura urbana e a compreensão crítica do urbanismo enquanto ciência. Desses selecionamos três para o presente trabalho, pois os mesmos possibilitam uma visão ampla, tanto dos conflitos que permeiam a consolidação do urbanismo enquanto ciência, quanto da forma de ação da Prefeitura Municipal na busca por modernizar a capital baiana.



A definição de qual profissional deveria exercer o papel de urbanista norteia os dois artigos analisados, cada um sob um ponto de vista diferente, ambos fundamentados na compreensão do urbanismo enquanto ciência. O primeiro artigo analisado, nesse escopo, escrito por Jayme Cunha de Gama e Abreu professor da Escola Politécnica da Bahia, possui o seguinte título “Un urbaniste doit – it être: un architecte, un ingénieur, un géomètre”¹⁰, e foi republicado no primeiro número da revista, em 1940, pois sua primeira publicação foi na revista francesa *Urbanisme*, em 1938.

Abreu (1940) compreende o urbanismo com a ordem entre os elementos harmônicos e estáticos da cidade. Dessa forma o autor elaborou um processo para prática do urbanismo enquanto ciência, que tem como elemento fundamental a definição do lote, que após definido se estabelece como uma lei imutável. O primeiro passo desse processo seria o estudo dos hábitos dos cidadãos, para então determinar a criação de zonas e a dimensão do lote de cada zona. Após a definição do lote por zona, seria definido o gabarito das edificações dos lotes e o grau de permanência das pessoas em cada um deles. Com a posse desses dados, Abreu (1940) afirma que seria possível se calcular toda a infraestrutura necessária para cada zona.

Isto posto, Abreu (1940) defende que, o exercício do urbanismo, enquanto ciência, caberá apenas ao profissional da engenharia, por conta da grade de disciplinas que compõe sua formação. Esse pensamento fica evidente no seguinte trecho:

Para todos aqueles que têm o Urbanismo como CIENCIA, o urbanista tem de ser ENGENHEIRO, para os que consideram como ARTE, cujos problemas essenciais são problemas de composição e não de coordenação, o urbanista será um ARCHITECTO. Mas para os que acham que é um “PUZZLE”, um “quebra-cabeças”, o GEÔMETRA pode encarregar-se de seus estudos. (ABREU, 1940, s.p.).

¹⁰ Deveria um urbanista ser: um arquiteto, um engenheiro, um geômetra.

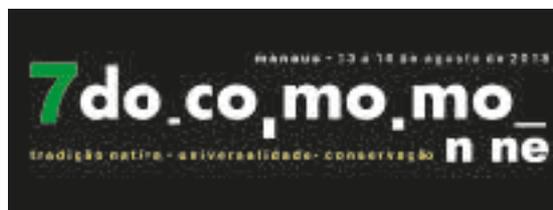


O segundo artigo analisado, que também está imerso nessa questão de prática do urbanismo e da sua compreensão enquanto ciência, intitula-se “Devaneios Urbanísticos”, publicado no terceiro número da revista, em 1941 e escrito pelo engenheiro civil Oscar Caetano da Silva. Em oposição a visão de Abreu (1940), Silva (1941) defende que, o urbanismo não deve ser um problema apenas do engenheiro, portanto não deve ser confundido como simples técnica de engenharia municipal.

De acordo com Silva (1941), a questão urbana deve incorporar diversos profissionais como sociólogos, juristas, legisladores e deve incorporar, principalmente, todos os cidadãos, corroborando assim, com o pensamento de Unwin que define o urbanismo como “a ciência de estabelecer ligações entre as coisas”. Silva (1941) aplica, então, esse conceito para Salvador, destacando que a cidade necessita de um plano, que vá além da criação de zonas e novos arruamentos, um plano de conjunto, capaz de construir um urbanismo de ligação de coisas. Quanto à ideia de elaboração de um plano para Salvador, Silva (1941) ressalta que, essa não é uma ideia nova, na verdade foi iniciada em 1934 culminando, em 1935, com a Semana de Urbanismo, mas não chegou a ser elaborado e implementado um plano de fato, segundo ele, por incompreensão da administração pública.

Já, o terceiro artigo analisado, apresenta algumas considerações quanto à forma de ação da Prefeitura Municipal no processo de modernização soteropolitano, intitulado “Considerações em torno do plano de remodelação da Cidade de Salvador e da necessidade da iniciativa particular no problema de embelezamento urbano”. O mesmo foi publicado no sétimo número da revista, em 1942, e foi escrito pelo engenheiro civil e técnico da Prefeitura Accioly Vieira de Andrade.

Andrade (1942) inicia o artigo destacando a ação da Diretoria de Urbanismo e Cadastro, criada pela Prefeitura para promover o plano de remodelação da cidade, que realizava levantamento de zonas e elaborava projetos parciais, em consonância com o plano geral.

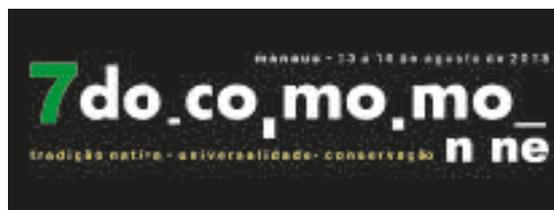


O autor explica que, naquele momento, grande parte das atividades de remodelação urbana se voltavam para a questão da circulação, que era o principal problema vivenciado na cidade. Como exemplo dessas atividades Andrade (1942) apresenta a Rua Carlos Gomes, a Rua Botelho Benjamim, a Rua Visconde do Rio Branco e a Rua Visconde de Mauá. Sobre essas ações de remodelação realizadas pela Prefeitura, o autor explica que, as mesmas possuem uma dupla finalidade, pois produzem benefícios tanto para a propriedade pública como para propriedade privada. Logo a Prefeitura espera do proprietário privado uma contrapartida, ou seja, um trabalho conjunto para realização dos melhoramentos urbanos (ANDRADE, 1942, s.p.).

Considerações finais

A análise dos artigos publicados em *Técnica* revela-nos dois aspectos interessantes na contribuição do Sindicato dos Engenheiros da Bahia. O primeiro relaciona-se com os limites e discussão entre a atuação profissional de engenheiro e arquitetos e, a divulgação da produção arquitetônica dos engenheiros. Esta última nos mostra, como aconteceu também com os arquitetos desse período, o “trânsito” e “dilemas” surgidos a partir da firmação da arquitetura racional. Quer dizer, apesar de que os editores asseguravam que esta revista havia surgido como resultado dos desafios e reação da engenharia na Bahia, o que se percebe é um viés mais “heterogêneo” e por vezes conservador. Isto, também, nos ajuda a entender quais os referenciais ou referências estrangeiras eram consideradas relevantes pelos engenheiros.

Já o outro aspecto da revista refere-se ao espaço dado aos especialistas, profissionais e empresas envolvidas com a construção e, de forma mais ampla, aos atores envolvidos no processo de modernização da capital baiana. Em relação aos projetos de arquitetos; embora mais limitados, estes nos permitem identificar uma produção diferente, alternativa e complementar daquela divulgada em revistas comerciais de escala nacional ou mesmo de livros referenciais. Nesse sentido, esse *olhar* se releva como importante no sentido de possibilitar uma ampliação da historiografia estabelecida.



Referências

A NOVA SÉDE da Associação Atlética da Bahia. Clube Esportivo e Social da Cidade do Salvador. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 3, jan./fev. 1941, s. p.

ABREU, J. C. G. Un urbaniste doit – it être: un architecte, un inénieur, un géomètre. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.1, ago./set. 1940, s.p.

ANDRADE JUNIOR, N. V. de. **Arquitetura moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo**. 2012. 2v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

ANDRADE, A. V. Considerações em torno do plano de remodelação da Cidade de Salvador e da necessidade da iniciativa particular no problema de embelezamento urbano. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.7, jan./fev. 1942, s.p.

ARAÚJO, A. R. C. de. **Espaço privado moderno e relações sociais de gênero em Salvador: 1930-1949**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

ARQUIVO PÚBLICO. Clube Esportivo e Social da Cidade do Salvador. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 9, maio/jun. 1942, s. p.

ARQUITETURA NA BAHIA: a escola, sua evolução e sua situação atual. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.3, jan./fev. 1941a, s.p.

ARQUITETURA NA BAHIA: a escola, seu patrimônio e suas necessidades atuais. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.4, maio/jun. 1941b, s.p.

AS GRANDES CONSTRUÇÕES na Bahia. Clube Esportivo e Social da Cidade do Salvador. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 8, mar./abr. 1942, s. p.

CARICCHIO, L. M. Arquitetura. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.15, mar./abr./maio 1944a, s.p.

CARICCHIO, L. M. Arquitetura. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.16, dez. 1944b, s.p.

EDIFÍCIO CHADLER. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 5, jul./ago. 1941, s. p.

EDIFÍCIO MARGARIDA. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 23, out. 1947, s. p.

EDIFÍCIO SANTA CRUZ. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 10, out./nov. 1942, s. p.



ESCOLA DE PUERICULTURA “Raymundo Pereira de Magalhães”. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 2, out./nov. 1940, s. p.

ESCOLA POLITÉCNICA da Universidade da Bahia. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 27, nov./dez. 1948, s. p.

FERNANDES, Ana (Org.). **Acervo do EPUCS**: contextos, percursos, acesso. Salvador: UFBA, Faculdade de Arquitetura, 2014.

HOSPITAL SANATÓRIO Santa Terezinha. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 6, set./out. 1941, s. p.

MATERNIDADE da Fundação Santa Izabel – Cidade de Ilhéus. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 11-12, jan./abr. 1943, s. p.

O TERCEIRO CONGRESSO brasileiro de ensino de engenharia e arquitetura. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 31, nov./dez. 1949. s.p.

PRIMEIRO PRÉDIO DE apartamentos em Condomínio na Bahia. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 1, ago./set. 1940, s. p.

SEMANA DE URBANISMO. **Conferências**. Salvador: Editora e Graphica da Bahia, 1937.

SILVA, O. C. S. Devaneios Urbanísticos. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.3, jan./fev. 1941, s.p.

STOCK, I. B. Novos rumos da arquitetura contemporânea. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.13/14, jan./fev. 1944, s.p.

TENDE A ARQUITETURA moderna para o desenho funcional? **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n.19, out. 1946, s.p.

UM GRANDE e novo Mercado na Cidade do Salvador. **Técnica. Revista de Engenharia e Arquitetura**, Salvador, n. 6, set./out. 1941, s. p.